

PERSPECTIVAS DA GUERRA FRIA À LUZ DA GEOPOLÍTICA E O PÓS-ORDEM

Existem duas respostas frequentes para qualquer grande evento histórico, ambas inapropriadas, senão totalmente equivocadas: dizer que tudo mudou ou dizer que nada mudou.

Fred Halliday, 2002

MAURO GONÇALVES CAMARA*
Capitão de Fragata

SUMÁRIO

Introdução
Geopolítica e as Relações Internacionais
A Guerra Fria como choque de vontades geopolíticas e o sistema bipolar
Transição ou Nova Ordem?
Conclusão

INTRODUÇÃO

A estruturação do Sistema Internacional (SI) no pós-Guerra Fria (1947-1989), baseada em ideias de ampla e representativa participação nos fóruns de discussão internacionais, processo de multipolarização e multiculturalismo, tem acarretado algumas equivocadas, ou ao menos parciais, visões de análise histórica daquele período, ignorando-se a complexa

conjuntura internacional de 1947 a 1989. Constitui-se equívoco avaliar eventos do passado baseando-se tão-somente em valores aceitos hodiernamente.

O presente artigo tem por propósito correlacionar a Ordem Mundial na Guerra Fria com aspectos da Geopolítica e fundamentos das Relações Internacionais, além de contextualizar determinados eventos históricos sob esta perspectiva e tecer conjecturas sobre o Pós-Ordem.

* Mestre em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval, 2013.

GEOPOLÍTICA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

“No mundo, existem hoje dois grandes povos que, embora partindo de pontos diferentes, parecem avançar para o mesmo destino: são eles os russos e os anglo-americanos.

O americano luta contra os obstáculos que a natureza lhe opõe; o russo trava lutas contra os homens. Um combate o deserto e a barbárie; o outro, a civilização com todas as suas armas; deste modo, as conquistas do americano fazem-se com a charrua do trabalhador, as do russo com a espada do soldado.

Para alcançar o seu fim, o primeiro conta com o interesse individual e deixa agir, sem as dirigir, a força e a razão dos indivíduos. O segundo, de certo modo, concentra num só homem todo o poder da sociedade.

Um tem por meio principal de ação a liberdade; o outro a servidão.

O ponto de partida de ambos é diferente, as suas vias são diversas; contudo, cada um deles parece chamado, por um destino secreto da Providência, a conservar um dia nas mãos os destinos de uma metade do Mundo.”¹

Como pôde Tocqueville realizar esta previsão do que seria a Ordem Mundial com mais de um século de antecedência? Uma antevisão baseada em sólidos conhecimentos do que hoje conhecemos por Geopolítica. Vejamos, pois, alguns breves fundamentos.

O conceito de Geopolítica surge no início do século XX, cunhado pelo cientista político sueco Rudolf Kjellén, baseando-se em estudos do geógrafo alemão Friedrich Ratzel. Kjellén era adepto da visão organicista da Geografia,

ou seja, os Estados são sujeitos às “leis do crescimento”. Esse crescimento pode decorrer de conquistas, colonização ou amalgamação. Estados que não buscam o próprio crescimento e fortalecimento estariam destinados a desaparecer.

Podemos entender Geopolítica como a Geografia aplicada à política de poder nacional e à sua estratégia de fato na paz e na guerra, ou planejamento da política de segurança de um Estado em termos de seus fatores geográficos (TOSTA, 1984).

A Ordem Internacional emerge a partir da dinâmica de competição e choque mútuo entre os Estados que se anulam mutuamente ao perseguir seus interesses nacionais. A razão de Estado orienta o seu comportamento. (PECEQUILO, 2009)

No que se refere aos conceitos basilares das Relações Internacionais, estes se alternam e coexistem nos eixos de cooperação e conflito entre seus atores (Estados Nacionais, Organizações Internacionais Governamentais e Forças Transnacionais), e sua principal característica é a anarquia. Os Estados Nacionais são os atores de maior relevância e direcionam grande parte de seus esforços buscando ampliar suas esferas de influência.

Segundo Pecequilo, ao longo da História, três tipos de ordem podem ser encontradas: a unipolar, com a proeminência de um polo de poder (Império Romano); a bipolar, com a existência de dois polos principais (Guerra Fria, 1947/1989, entre Estados Unidos da América [EUA] e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [URSS]); e a multipolar, composta por diferentes polos. O tipo ideal do “equilíbrio de poder” foi o Concerto Europeu de 1815 a 1914, composto pelos polos França, Grã-Bretanha, Prússia (Alemanha depois de 1870, com a unificação), Rússia e

¹ Alexis de Tocqueville, 1835.

Império Austro-Húngaro. No pós-Guerra Fria, observam-se articulações complexas entre os modelos uni e multipolar.

A Teoria do Poder Marítimo

“Quem tem o mar, tem o comércio do mundo, tem a riqueza do mundo; e quem tem a riqueza do mundo, tem o próprio mundo.”²

Alfred Thayer Mahan (1840-1914) foi, inequivocamente, pioneiro na interpretação histórica sistematizada de que o controle do mar é fator determinante para o estabelecimento e a manutenção do poder nacional para os Estados que detivessem tal controle. Guerras seriam ganhas pelo estrangulamento econômico do inimigo, a partir do mar, e perdidas caso não se impedisse o próprio estrangulamento.

A percepção de Mahan da necessidade de bases distantes em pontos de importância vital para a operação das Esquadras foi fundamental para o planejamento e a consecução do Poder Naval estadunidense, após o declínio do Império Britânico, influenciando o imperialismo norte-americano e sua conversão ao “navalismo”. Em seu pensamento se encontra a raiz da hegemonia norte-americana, propiciando a tentativa de consecução de seu Destino Manifesto³.

Segundo Eric Grove (BAYLIS *et al*, 2005), poder marítimo é a combinação do poder nacional para a realização de comércio marítimo internacional e a utilização dos recursos oceânicos com a capacidade de projetar poder militar para o mar, para os propósitos do mar e controle de área, e a partir do mar, para influenciar eventos em terra por meio de forças navais.

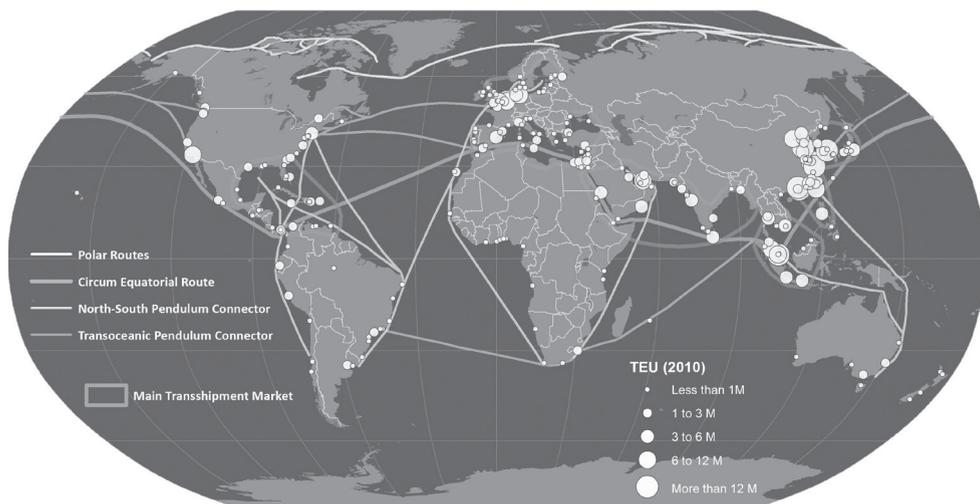


Figura 1 – Poder Marítimo
<https://www.revistamilitar.pt/artigo/914>

² Sir Walter Raleigh, navegador britânico, século XVI.

³ Sistema filosófico estadunidense segundo o qual este povo deveria comandar o mundo, mediante expansão de sua cultura e suas instituições.

O comércio marítimo mundial, responsável por aproximadamente 90% do comércio exterior global em volume, é e sempre foi preponderante no Hemisfério Norte, principalmente entre o Extremo Oriente e a Europa. Influenciando, ameaçando influenciar ou apenas possuindo a capacidade de influenciar este tráfego marítimo, obtém-se instrumento vital para que se exerça influência global. Desde o século XVI, essa ferramenta se encontra sob controle hegemônico das potências marítimas ocidentais: Países Ibéricos, Holanda, Império Britânico e EUA, por exemplo. Podemos entender o sistema de Defesa e Segurança Marítimo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), principalmente dos EUA, como um prolongamento adaptado e contemporâneo desse conceito.

A Teoria do Poder Terrestre

“Quem controla a Europa Oriental, domina a Terra Central; quem controla a Terra

Central, domina a Ilha Mundial; e quem controla a Ilha Mundial, domina o Mundo.”⁴

Destacam-se as ideias de Sir Halford John Mackinder na sistematização do conceito de Poder Terrestre. Para Mackinder, as conquistas tecnológicas que surgiram ao longo do século XIX, culminando no início do século XX, fariam com que a prevalência do Poder Marítimo fosse gradativamente cedendo espaço às imensas possibilidades de ressurgimento de um Poder Terrestre de escala global.

Situou a “Área Pivot” na grande massa terrestre contínua situada desde a Europa Oriental até o extremo oriente, na Rússia, território com recursos minerais e energéticos em abundância e imune ao poderio militar das potências marítimas ocidentais. O *Heartland*, ou “Coração do Mundo”, se situaria, portanto, na Europa Oriental. Uma das possibilidades decorrentes dessa linha de pensamento seria eventual aliança entre a URSS e a Alemanha, o que possibilitaria a junção das

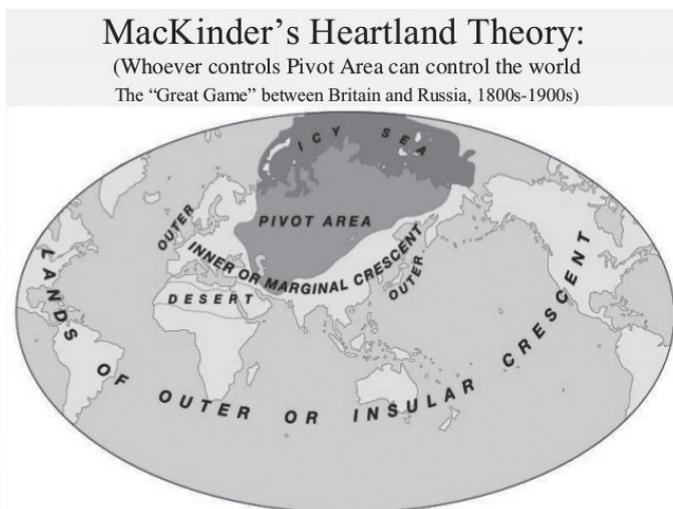


Figura 2 – Poder Terrestre
<https://www.slideshare.net/AnggunAnggun1/geopol-01definitionmaps>

⁴ Sir Halford John Mackinder, 1904.

potencialidades já citadas ao complexo industrial e tecnológico alemão.

Essa preocupação influenciou a postura aliada nas duas guerras mundiais, originando a criação do “Cordão Sanitário”⁵ e da “Cortina de Ferro”, uma das ideias-chave da Guerra Fria.

Diversos Impérios alcançaram poder de influência global baseando-se nos conceitos de Poder Terrestre ao longo da História conhecida. Podem ser citados os Impérios Macedônio, Persa, Mongol e Otomano.

O Rimland

“Quem controla o Rimland governa a Eurásia, quem governa a Eurásia controla os destinos do mundo.”⁶

Baseando-se nas ideias de Mackinder, o geoestrategista americano Nicholas J. Spykman (1893-1943) desenvolveu a Teoria do Rimland, também conhecida como Estratégia da Contenção, na qual se baseou a doutrina de segurança dos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial. Como o

Poder Naval superior poderia assegurar a defesa do território norte-americano, não estando os EUA territorialmente presentes na Ilha Mundial? Afinal, a obtenção do controle do *Heartland* pela União Soviética poderia acarretar o domínio dos recursos e das potencialidades da Eurásia e, conseqüentemente, a real possibilidade de controlar o mundo.

Conjugando as ideias de Poder Marítimo e Terrestre, Spykman, defendendo uma política externa de caráter intervencionista, visualiza uma primeira linha de defesa e controle da Eurásia em sua periferia, ou seja, em países adjacentes ao *Heartland*. Dessa forma, poderia ser contida a esfera de influência e poderio da URSS. Podem ser situadas nesse contexto as Guerras da Indochina⁷ e da Coreia, representando as Forças de Contenção (Poder Marítimo) e Expansão (Poder Terrestre). Decorre, portanto, a grande instabilidade política em Estados dessa região, sofrendo pressão externa constante e tendo de se adaptar permanentemente à ordem em vigor.



Figura 3 – O Rimland

<https://www.doorsteptutor.com/Exams/IAS/Mains/Optional/Geography/Questions/Topic-Models-Theories-and-Laws-in-Human-Geography-9/Subtopic-Heartland-and-Rimland-Theories-8/Part-1.html>

5 Política pós-Primeira Guerra Mundial, utilizando Estados na Europa Oriental para afastar a fronteira ocidental da URSS da Europa Central.

6 Nicholas J. Spykman (1893-1943).

7 Sequência de guerras travadas no Sudeste Asiático entre 1947 e 1979.

U.S. Bases Near Russia

Figura 4 – Bases Militares dos EUA na Eurásia – Contenção (2016)

<https://www.strategic-culture.org/pview/2016/12/23/united-states-and-race-global-hegemony.html>

A GUERRA FRIA COMO CHOQUE DE VONTADES GEOPOLÍTICAS E O SISTEMA BIPOLAR

Pela primeira vez na História, uma potência exógena à Ilha Mundial seria alçada ao *status* de superpotência com esfera global de influência, os EUA. Com vasto território, recursos naturais e populacionais abundantes, proteção de dois oceanos e sem inimigos terrestres, parecem caminhar para o cumprimento de seu destino, como disse Tocqueville. Talvez tal fato não fosse possível sem as severas perdas sofridas pelas potências europeias no período das guerras mundiais, abrindo vácuo de poder que, inevitavelmente, seria ocupado por aquele que detivesse as possibilidades, vislumbrasse as oportunidades decorrentes da ruptura do sistema anterior e estivesse disposto a pagar o preço.

Em oposição, surgia o Poder Terrestre de maior alcance da História, a URSS.

Era inevitável o choque de vontades. As crescentes tecnologias de sistemas de armamento, com alcance de milhares de quilômetros e maior poder de destruição, transportes e comunicações, tornavam o mundo cada vez menor. A disputa ideológica também contribuiu sobremaneira para o acirramento desse conflito, travado essencialmente mediante a ameaça atômica (estratégia do não-emprego), guerras convencionais limitadas e conflitos internos de viés ideológico nos Estados periféricos.

Não obstante as simplificações da imagem acima, é possível depreendermos o caráter global do conflito e disputas pela esfera de influência, além de diversos movimentos internos de luta armada contra os sistemas estatais vigentes. A bipolaridade restringiu as possibilidades de posicionamento dos atores estatais dentro do SI. De maneira geral, resguardadas algumas exceções, ou se estava de um ou de outro lado, de forma declarada, indubitável e inquestionável.

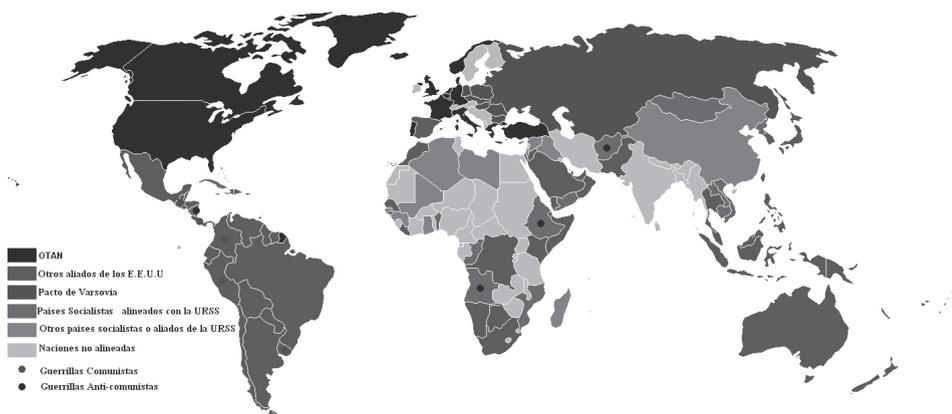


Figura 5 – A bipolaridade na Guerra Fria

<http://geoconceicao.blogspot.com.br/2010/04/guerra-fria-causas-e-consequencias.html>

Proliferaram golpes e contragolpes de Estado, tanto de caráter pró-Washington e pró-Moscou, e movimentos de luta armada contra um ou outro, contando com apoio logístico, de treinamento e de inteligência de ambos os contendores globais.

Se forem computados os regimes autocráticos na chamada Cortina de Ferro, certamente os dados seriam ainda mais inflados no período da Guerra Fria quanto à quantidade de regimes autocráticos no período.

Via de regra, apenas as democracias consolidadas do mundo ocidental resistiram ilesas à Guerra Fria.

Período	Quantidade de golpes de Estado
1946-1949	14
1950-1959	21
1960-1969	61
1970-1979	56
1980-1989	36
1990-1999	21
2000-2009	10
2010-2017	6

Tabela 1 – Golpes de Estado no mundo, 1946-2017

Fonte: Pew Research Center



Figura 6 – Máxima extensão do “Império soviético” (aproximado)

TRANSIÇÃO OU NOVA ORDEM?

O término da Guerra Fria, ocorrido no final do século passado, pôs fim a uma Ordem Mundial perfeitamente delineada, com os principais atores e suas “vontades” perfeitamente identificadas. A antiga e previsível ordem vigente entrou em colapso, sendo sucedida por um cenário internacional extremamente impreciso, complexo e conturbado. Estaríamos em transição para uma Nova Ordem Mundial ou este cenário, de dificultosa caracterização e previsibilidade, já seria a nova ordem vigente?

O Império britânico previu seu próprio declínio e procurou influenciar a ordem vindoura de acordo com seus próprios interesses. O “império” norte-americano parece fazer mais do que isso, buscando ações proativas e intervencionistas que prolonguem e amplifiquem ao máximo seu *status* de potência hegemônica e ordem unipolar, observando preceitos da Teoria do Desafio e Resposta⁸.

Conflitos étnicos, políticos e religiosos que haviam “hibernado” durante a Guerra Fria recuperaram seu protagonismo, opondo-se ao cenário de estabilidade presumida e acarretando fortes instabilidades na zona periférica e na reorganização de centros regionais de poder, levando-se em conta o declínio do Império soviético.

É fato que o colapso da URSS deixou vácuo de poder nas áreas antes pertencentes à sua esfera de influência, porém a Rússia é legítima herdeira do sistema geopolítico soviético. Os conflitos na Ucrânia, alianças militares dos EUA com ex-repúblicas soviéticas do Cáucaso,

crise com a Coreia do Norte e expansão da Otan para o leste europeu permitem concluir que a Estratégia de Contenção segue em curso, não mais sob perspectiva ideológica, mas tão-somente um retorno aos conceitos clássicos da Geopolítica.

O viés ideológico cede a prevalência aos aspectos étnicos e religiosos. Segundo Huntington⁹, o pós-Guerra Fria seria caracterizado pelos conflitos entre civilizações, e não pelos atores estatais isoladamente. Observa-se o declínio relativo da civilização ocidental, com expansão do poder econômico e militar para o Extremo Oriente. O mundo caminharia para uma ordem multipolar e multicivilizacional. Parece não ter se concretizado o “fim da História”¹⁰.

Percebe-se também, ainda que de forma não tão contundente, a regionalização intracivilizações, fenômeno que faz contraponto à globalização.

“O mundo pós-Guerra Fria é um mundo de sete ou oito civilizações principais. Os aspectos comuns e as diferenças moldam os interesses, os antagonismos e as associações dos Estados” (Samuel P. Huntington).

Percebemos claramente a efetividade e pertinência das “linhas de pressão” exercidas na interação global, estabelecidas no conceito do “choque de civilizações”, na leitura de conflitos contemporâneos.

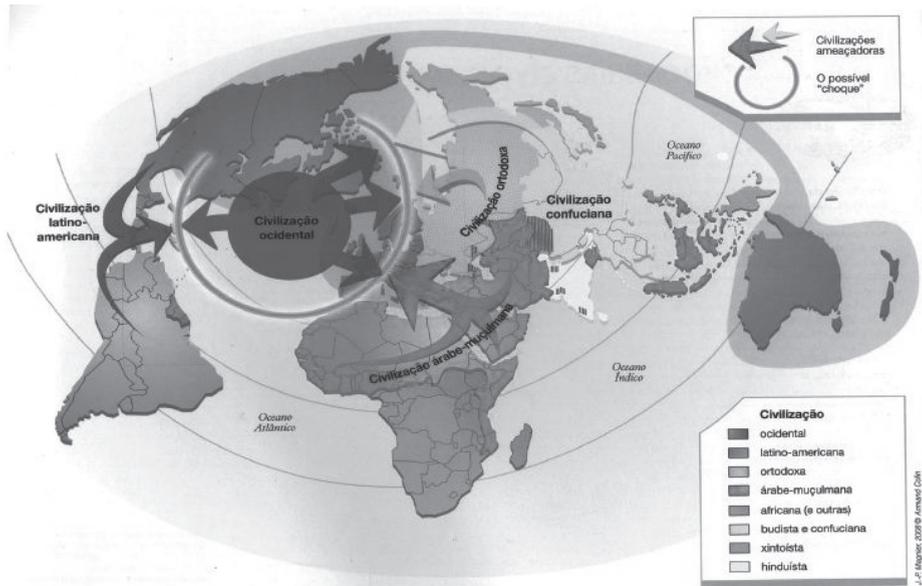
A ascensão da China – Poder Terrestre ou Marítimo?

Avaliando o caminho chinês de 1989 a 2009, as raízes do processo de ascensão encontram-se na década de 1970, quando, diferente da URSS, o PCC liderado

8 Arnold Toynbee, *A Study of History*.

9 Samuel P. Huntington, *Choque de Civilizações*.

10 Francis Fukuyama, em seu artigo “The End of History?”, avalia que a História, entendida como a competição ideológica e concreta entre modelos alternativos de sociedade, teria chegado ao fim em 1989 (*apud* PECEQUILO).



Fonte: BONIFACE, Pascal e VÉDRINE, Hubert. *Atlas do Mundo Global*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

Figura 7 – Linhas de pressão no choque de civilizações

por Deng Xiaoping (1977/1999) deu início a um conjunto de reformas econômicas e políticas no país, após derrotar os tradicionalistas em uma série de lutas internas que eclodiram com a morte de Mao Zedong, em 1976. Tais lutas tinham como antecedentes as disputas remanescentes do rompimento sino-soviético da década de 1950 e da Revolução Cultural de 1966 (PECEQUILO).

A expansão econômica chinesa segue em ritmo consistente, reduzindo o protagonismo global estadunidense. Ao mesmo tempo, buscou mitigar seus conflitos étnicos e separatistas internos, bem como litígios fronteiriços com atores estatais relevantes em seu entorno, o que possibilitou a intensificação de esforços para ampliação de sua área de influência no mar.

Para manter sua atividade econômica, a China é dependente do comércio marítimo, cujas linhas de comunicação

atravessam pontos de controle suscetíveis a interferências alheias aos seus interesses. Além de buscar rotas alternativas ao mar pelo contínuo territorial da “Ilha Mundial”, encontra-se em franca expansão militar de seu Poder Naval, com acelerado ritmo de construção de novos meios, incluindo submarinos e navios-aeródromos.

Este amplo projeto engloba, entre outras iniciativas, a tentativa de reincorporação de Taiwan, o controle sobre áreas no Mar do Sul da China e ampliação de esfera de influência na América Latina, na África e no Oriente Médio por vias econômicas. Ressalta-se o sucesso chinês na recuperação de localidades remanescentes do domínio colonial europeu, como Macau e Hong Kong.

As disputas pelo Mar do Sul da China acirraram-se neste início de século. A região possui abundância de recursos energéticos, além de ser importante para a

pesca e linhas de comunicação marítimas globais. Construção de ilhas artificiais e reivindicação sobre pequenos arquipélagos tornam óbvio que a China intenciona rivalizar com o poder militar dos EUA, ao menos em nível regional. Os EUA têm gradativamente redirecionado meios militares de outras partes do mundo para suas bases no Extremo Oriente, buscando manter inalterada a situação de poder relativo na região.

É perspectiva realista que a China eleve ainda mais sua influência geopolítica e lidere a chamada civilização confuciana. Por possuir imensa base industrial, recursos populacionais e crescente desenvolvimento tecnológico e econômico, aliado aos fatores geográficos, a China é hoje potencial candidata a se tornar potência global em condições de rivalizar com os EUA, talvez reunindo condições únicas para aliar os requisitos geopolíticos necessários para conjugar os poderes marítimo e terrestre em um mesmo Estado.

CONCLUSÃO

Faz-se relevante contextualizar as características do SI vigentes durante a Guerra Fria, correlacionando eventos intraestatais ocorridos no período. Não há como abordar golpes de Estado, contragolpes e movimentos de luta armada dissociando-os da conjuntura histórica global.

A Guerra Fria foi, basicamente, conflito geopolítico clássico, amplificado pelo extremo antagonismo ideológico e escala global inédita.

Em cenário realista, o mais pertinente é vislumbrarmos uma Nova Ordem caracterizada pela unimultipolaridade, compreendendo a prevalência do poder militar norte-americano e ressaltando os diversos centros de poder regionais, de crescente relevância.

A Geopolítica do futuro terá a China e o mundo árabe como atores relevantes, sendo ainda imprevisíveis as consequências, adaptações e reações do Ocidente ao fenômeno em curso.

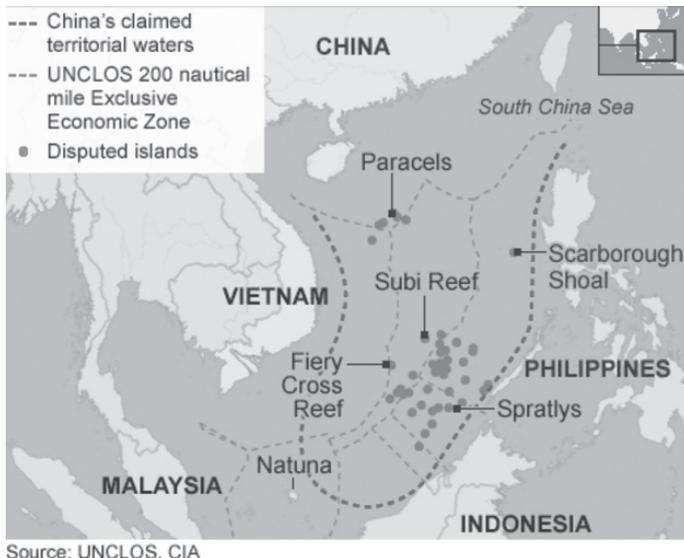


Figura 8 – Mar do Sul da China

O determinismo geográfico de isolamento da América do Sul, que se constituiu em área periférica, nos traz a vantagem da avaliação a distância e com antecedência dos acontecimentos relevantes no SI, propiciando maior tempo de análise, reflexão e identificação de oportunidades favoráveis. Cabe fazermos uso sábio de

tais fatores, sob ótica nacional, não mais “importando” conflitos que não necessariamente nos digam respeito.

É desejável que o Brasil esteja preparado para os novos dilemas e desafios deste século, com desenvolvimento de pensamento geopolítico autóctone e aderente à nova realidade.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<RELAÇÕES INTERNACIONAIS>; Nova Ordem Política;

BIBLIOGRAFIA

- BAYLIS, John *et al.* *Strategy in the Contemporary World: An Introduction to Strategic Studies*. 4. reimp. New York ; Boston: Oxford University Press, 2005. 357p.
- HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, 455p.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Manual do Candidato: Política Internacional*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. 356p.
- TOSTA, Octavio. *Teorias Geopolíticas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103p.
- VESENTINI, J. William. *Novas Geopolíticas*, 3ª ed. São Paulo:Contexto, 2004. 125p.